

SUBJETIVIDADE GAÚCHA E O FRIO NAS LETRAS DE MÚSICA PAMPEANA: UM EXERCÍCIO À VIDA

GAÚCHO SUBJECTIVITY AND COLD IN THE LYRICS OF PAMPEANA
MUSIC: AN EXERCISE OS LIFE

LA SUBJETIVIDAD GAUCHA Y EL FRIO EN LAS LETRAS DE LA MÚSICA
PAMPEANA: UN EJERCICIO DE VIDA

Virgínia Tavares Vieira¹; Paula Corrêa Henning²

RESUMO

O presente artigo tem como intenção problematizar a relevância da música pampeana do Rio Grande do Sul, como uma prática cultural importante na produção de subjetividades. Mostramos, a partir da análise do material, a fabricação discursiva de um Naturalismo poético-pampeano e a relação entre cultura e natureza nas letras das canções analisadas. Nosso material de análise apontou um dos enunciados que sustenta tal prática discursiva – o frio do Pampa. Entendemos que as letras das canções em evidência podem nos ensinar a travar relações com a natureza atravessadas por uma visão de pertencimento. Em um tempo onde não há espaço, tampouco tempo para parar, pensar, sentir, afetar e ser afetado, as articulações propostas neste estudo talvez possibilitem rachaduras nos modos de pensar a música e a Educação Ambiental como práticas potentes de um exercício à vida.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Ambiental. Música Pampeana. Subjetividades. Cultura. Natureza.

ABSTRACT

This paper aims to show the importance of *pampeana* music of Rio Grande do Sul as an important cultural aspect in the production of subjectivities. From the analysis of the material, we showed the discursive production of a Poetic-pampean Naturalism and the relationship between culture and nature in the lyrics of the songs analyzed. Our analysis material pointed to one of the enunciations, which sustains this discursive practice: the cold of *Pampa*. We understand that the lyrics of the songs in evidence can teach us to establish relationships with nature crossed by a vision of belonging. In times where there is not space to stop, to think, to feel, to affect and to be affected, the ideas proposed in this study might make possible new concepts of thinking music and Environmental Education as potential practices of an exercise of life.

KEYWORDS: Environmental Education. *Pampean* Music. Subjectivities. Culture. Nature.

¹ Pós-doutora, doutora e mestre em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande. Professora da Universidade Luterana do Brasil. Canoas, RS - Brasil. E-mail: vi_violao@yahoo.com.br

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande. Professora da Universidade Federal do Rio Grande. Canoas, RS - Brasil. E-mail: paula.c.henning@gmail.com

Submetido em: 02/10/2023 – **Aceito em:** 14/08/2024 – **Publicado em:** 12/12/2024

RESUMEN

El artículo que se presenta tiene su propósito en la problematización de la música de los pampas gauchos del Rio Grande del Sur como una práctica cultural muy importante en la producción de subjetividades. Enseñamos, desde el análisis del material, la fabricación discursiva de un “Naturalismo Poético-pampeano” y la relación entre cultura y naturaleza en las letras de las canciones analizadas. Nuestro material de análisis ha señalado uno de los enunciados que sostiene tal práctica discursiva, el frío del Pampa. Entendemos que las letras de las canciones en evidencia pueden enseñarnos a formar relaciones con la naturaleza atravesadas por una visión de pertenencia. En tiempos donde no hay espacio, tampoco tiempo para parar, pensar, sentir, provocar y ser provocado, las articulaciones propuestas en ese estudio quizás posibiliten quiebres en los modos de pensar la música y la Educación Ambiental como prácticas potentes de un ejercicio de vida.

PALAVRAS-CLAVE: Educación Ambiental. Música pampeana. Subjetividades. Cultura. Naturaleza.

1 SEÇÕES PRIMÁRIAS

Uma profunda mudança nos modos de nos relacionarmos e convivermos com o mundo moderno nos foi colocada da metade do século XX para cá. Nesse sentido, a Educação Ambiental (EA) se tornou um campo de grandes potências para criarmos condições e modos de vida que nos coloquem frente a frente com nossas relações com o mundo e com o ambiente no qual nos situamos (Henning, 2019). Exatamente aí se aproximam a EA e a Filosofia, sobretudo se considerarmos os compromissos político-sociais do pensamento. Sendo assim, a partir de um movimento filosófico, buscamos provocar o pensamento num tempo marcado pela aceleração e pela volatilidade das relações, dos conceitos, dos saberes, da vida.

Neste estudo³, temos como intenção problematizar letras de canções pampeanas⁴ do Rio Grande do Sul como uma prática cultural importante na produção de subjetividades. Aqui as colocamos em um lugar de destaque, na medida em que tais letras de canções podem contribuir com provocações ao pensamento, criando espaços de resistência às verdades tão solidamente fabricadas por nós em tempos contemporâneos.

A pesquisa valeu-se de canções produzidas no Rio Grande do Sul no período da década de 70 do século XX até a nossa atualidade, tendo necessariamente como discussão a relação do gaúcho com a natureza. O recorte do material a partir dos anos 70 se deu devido à realização de festivais de músicas nativistas, um marco muito importante na produção e na

³ O presente artigo é um recorte de uma pesquisa de doutorado. Aqui, apresentamos um dos enunciados que sustentam a referida pesquisa.

⁴ Música que constitui parte da cultura do Rio Grande do Sul, do Uruguai da Argentina. Os gêneros musicais que compõem esse estilo musical são a Milonga, a Canção, a Chamarrita, o Chamamé entre outros. Essa é uma música produzida na região do Pampa.

disseminação das músicas pampeanas e, aqui neste estudo, sendo entendidos como práticas sociais na produção artística e musical do RS. De acordo com o documentário produzido pela Foccus Comunicação (2013) sobre a cultura gaúcha e a história dos festivais nativistas do Rio Grande do Sul, existia um Rio Grande do Sul antes dos festivais e outro após a Califórnia da Canção Nativa⁵, realizada em 1971. Isso estaria relacionado ao número de festivais que, a partir da Califórnia, começaram a surgir no Estado, chegando ao total de 80 festivais, espalhados em diversas cidades do Rio Grande do Sul. Importante ressaltar que, em consonância com os estudos foucaultianos, referencial teórico basilar para a escrita desta pesquisa, não entendemos tais artistas como os autores de tais discursos, ou mesmo como indivíduos que proferiram tais textos, mas tais artistas “(...) como princípio de agrupamento do discurso, como foco de sua coerência” (Foucault, 2011a, p. 26).

Para este texto nos valem especificamente das letras das canções e com elas problematizamos as relações entre gaúcho e natureza, entendendo que se produz aí uma certa educação ambiental, nos modos como ambientalmente vamos educando nossas relações com a natureza (Henning, 2019a). Colocamos em suspenso a importância dessas canções na invenção de uma paisagem fria e invernal do pampa sulino⁶. Apresentamos a constituição de um dos enunciados que sustenta a fabricação discursiva do que chamamos de *Naturalismo poético-pampeano*⁷, a saber, o frio sulino do Pampa. Salientamos que as paisagens naturais do Pampa rio-grandense são enunciações recorrentes nas letras das canções e vêm fortemente fabricando sujeitos, além de modos de ser e viver, constituindo, em alguma medida, a vida e a cultura desses sujeitos e/nas suas relações com as paisagens naturais. Este texto investe numa relação intimista com atravessamentos culturais que fabricam o sujeito. Trata-se aqui de dar visibilidade ao sujeito pampeano; no entanto, gostaríamos que o/a leitor/a pudesse levar seu pensamento ao limite e problematizar as diferentes práticas culturais que o fabricam, seja no sul, seja no norte de nosso país. É dessa potência de criação e das possibilidades de inventividade que o texto nos fala, acompanhado de nosso intercessor, Michel Foucault.

⁵ Primeiro festival de música nativista realizado na cidade de Uruguaiana, RS, em 1971.

⁶ Região de terras planas conhecida também como região Platina. Compreende parte do Rio Grande do Sul, da Argentina e a totalidade do Uruguai. Os campos do sul, outra forma de referir-se ao Pampa, abarca uma área de aproximadamente 700 mil km². A região do Pampa é caracterizada por uma vegetação composta por plantas rasteiras, árvores, morros e coxilhas. Outro aspecto importante é que, no de 2004, o Pampa foi reconhecido como um bioma brasileiro.

⁷ O Naturalismo poético-pampeano trata de uma formação discursiva de caráter político-subjetivo, articulada por dois enunciados principais. Tal conceito expressa o espírito de época do final do século XX e começo do século XXI, atravessado por um sentido poético, nostálgico e melancólico que restitui ao sujeito certa sensibilidade sobre o existir e, quiçá, alguma potência de agir.

1.2 Música e paisagem natural sulina: articulações potentes

O cantor, escritor e compositor gaúcho Vitor Ramil nos diz que o frio representa o imaginário dos rio-grandenses. Tal discussão foi desenvolvida pelo cantor em seu ensaio teórico *A Estética do Frio* (2004). Pensando junto com o autor, talvez pudéssemos dizer que essa paisagem invernal constitui um ideário do Pampa rio-grandense, de sua cultura, de sua música. Mesmo para aqueles gaúchos que sempre moraram em grandes centros urbanos, ou seja, longe da região do campo, há um imaginário de que essa paisagem representa o sul do país, assim como para própria constituição dos sujeitos gaúchos. Assim,

(...) o frio, independente de não ser exclusivamente nosso, nos distingue das outras regiões do Brasil. O frio, fenômeno natural sempre presente na pauta da mídia nacional e, ao mesmo tempo, metáfora capaz de falar de nós de forma abrangente e definidora, simboliza o Rio Grande do Sul e é simbolizado por ele (Ramil, 2004, p. 13-14).

No que tange à paisagem natural e cultural do Pampa gaúcho, diversas práticas culturais vêm fabricando um cenário que faz do Rio Grande do Sul um estado muito próximo a uma cultura de fronteira, sobretudo com *gauchos* uruguaios e argentinos. Para Vitor Ramil, isso estaria relacionado “(...) à sua condição de habitantes de uma importante zona de fronteira, com características únicas, a qual formaram e pela qual foram formados (o estado do Rio Grande do Sul possui duas fronteiras com países de língua espanhola)” (Ramil, 2004, p. 7). O autor ressalta, ainda, que as questões relacionadas ao clima, à imigração de europeus e a um passado assinalado por guerras e revoluções fazem dos rio-grandenses sujeitos que, por vezes, sentem-se “diferentes em um país feito de diferenças”.

Pensando a/na música pampeana e na sua relação com a cultura rio-grandense e o cenário natural do Rio Grande do Sul, o músico gaúcho passa a problematizar a importância de termos uma estética que nos identificaria com o Rio Grande do Sul (Ramil, 2004). O autor ressalta que o Rio Grande do Sul é marcado por estações bem definidas – ainda que hoje possamos viver as modificações de um aquecimento global – e que o clima sulino acaba, de certa forma, determinando tanto as questões relacionadas à nossa cultura quanto à nossa economia. Assim, o músico pensou em uma *Estética do Frio*. Para Ramil (2004), era importante pensar em uma estética que nos remetesse ao sul do Brasil, entendendo-a não como um estado à parte, mas como um estado que contribui com a diversidade geográfica e cultural do Brasil.

Precisamos de uma estética do frio (...). Havia uma estética que parecia mesmo unificar os brasileiros, uma estética para a qual, nós, do extremo sul, contribuíamos minimamente; havia uma ideia corrente de brasilidade que dizia muito pouco, nunca o fundamental de nós. Sentíamos diferentes em um país feito de diferenças (Ramil, 2004, p. 14).

Para o autor, essa “estética que parecia unificar os brasileiros” referia-se a linguagens, a gostos e a comportamentos comuns a grande parte (muito evidenciada pela arte) de um país tropical, deixando à margem, de certa forma, a região subtropical do país, da qual os gaúchos fazem parte, visto que muito pouco contribuía com tal cultura. No entanto, em contraposição a essa estética *quente*, o frio falava muito dos sul-rio-grandenses. Rigor, profundidade, concisão, clareza, sutileza e leveza seriam subsídios presentes na paisagem plana do pampa gaúcho que, atrelados a uma concepção profunda e melancólica da milonga⁸, constituiriam esse quadro em que a arte nos provocaria a pensar e sentir uma imagem invernal. Dentro da perspectiva estética, a paisagem natural do Pampa gaúcho tornar-se-ia elemento fundamental na constituição de um modo de compor.

A milonga seria o gênero musical que melhor representaria a imagem da natureza pampeana, além de um suposto estilo de vida dos sujeitos que aqui vivem. Com características únicas, tal ritmo expressa significativamente um cenário musical associado à imagem e à paisagem plana do pampa gaúcho, anunciado em sua forma de sentir, de cantar, de tocar e de compor. Uma música que nos remeteria a um sentimento mais intimista, simples e monótono. Uma música lenta, repetitiva, melancólica, expressiva, densa e, geralmente, ao som de violão e voz. Ou seja, “(...) a expressão musical e poética do frio por excelência” (Ramil, 2004, p. 22).

Após essa breve contextualização da Estética do Frio do cantor, compositor e escritor gaúcho, concepção estética essa que nos deu subsídios para pensar a relação do frio, da música, das letras das canções analisadas e da natureza pampeana, daremos destaque para a constituição de um dos enunciados que sustenta a fabricação discursiva de um certo *Naturalismo poético-pampeano*, em que as letras dessas canções acionam os elementos de natureza de um lado ante uma visão romantizada, como aquela evidenciada pelo naturalismo dos séculos XVII e XVIII, bem como a poetização *de um frio por excelência* na fabricação de um tipo particular de sujeito: o gaúcho.

1.3 O frio do pampa: contribuições para subjetividade gaúcha

Neste momento, colocaremos em evidência as análises que dão visibilidade à constituição de uma paisagem fria e invernal no sul do Brasil com base na recorrência de enunciações analisadas em letras de canções pampeanas, que tomam o frio como um elemento natural e cultural importante na invenção de um certo sujeito gaúcho. O frio emerge, nas canções que mostraremos a seguir, como componente potente na sustentação

⁸De acordo com Dos-Santos (2012), a Milonga é um gênero musical representativo da região do Pampa. Junto com outros gêneros musicais, compõe o cenário cultural dessa região e o repertório violonístico de muitos artistas rio-grandenses, uruguaio e argentinos. O autor ressalta ainda que tal gênero musical é considerado um dos símbolos do Pampa, por seu caráter estético.

e fabricação discursiva de um tipo particular de Naturalismo, dando condições de possibilidade para a própria constituição do sujeito. É um modo de olhar, de pensar e de se relacionar com a natureza sulina, deslocando a ideia de um naturalismo no campo da EA que apreende o humano como não pertencente a esse espaço natural⁹(Sauvé, 2005).

A natureza, desde a Modernidade, foi sendo tomada como um objeto a ser explorado, conhecido e alterado pelo homem. Nessa concepção, natureza e cultura foram dicotomizadas. A partir daí, entende-se de que forma foi sendo construída uma visão de Educação Ambiental fortemente marcada por uma concepção naturalista, ecológica e biológica que separa cultura de natureza (Thomas, 2010). Será possível pensarmos nossas relações com a natureza para além desse binarismo da modernidade científica e potencializá-la como forma de pensamento ético e político simultaneamente? Talvez as letras das canções que aqui serão examinadas possam nos dar condições para pensarmos nossas relações com o mundo em que vivemos e com a natureza que se fabrica em nós e nos nossos atravessamentos culturais.

Vale ressaltar que não estamos entendendo que há um único modo de olhar para esse sujeito, tampouco para natureza sulina. Não temos a pretensão de mostrar que existe um único discurso de natureza, um único gaúcho e uma única forma de se relacionar com a paisagem natural no Sul do Brasil, pois “Os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem” (Foucault, 2011a, p. 52-53). Trata-se de evidenciar que as letras das canções em análise constituem um modo de fabricar a natureza, o gaúcho e a própria relação com a paisagem natural, entendendo esse sujeito como um artifício que também compõe a natureza pampeana e vai produzindo um ensinamento a respeito das questões ambientais no que se refere à relação humano-natureza. Outra questão importante de ser mencionada é que olhamos para os diferentes ritmos musicais pampeanos, não apenas para a milonga, como em *A Estética do Frio*, apresentada pelo músico Vitor Ramil. Nesse sentido, nossa proposta está em apreender como essas canções se entrelaçam e se sustentam para a fabricação desse modo de olhar, pensar e se relacionar com a natureza pampeana, educando-nos ambientalmente.

Diante dessas considerações, apreendemos o frio do pampa como um dos enunciados que constituem e sustentam a fabricação discursiva desse *Naturalismo poético-pampeano*. Entendemos a recorrência de enunciações que anunciam o frio, o inverno e os dias gelados do pampa como uma das formas de constituir e olhar para a paisagem natural e o sujeito gaúcho. Para o filósofo francês Michel Foucault (2012), os critérios em que o

⁹ O naturalismo é uma corrente teórica importante do campo da Educação Ambiental que entende a natureza como boa, tranquila e equilibrada e que deve ser protegida das desastrosas intervenções humanas (Sauvé, 2005).

enunciado se forma e se apoia não são os mesmos que os de uma frase, proposição ou ato de linguagem. Porém, para a sua condição de existência e sua singularidade, ele é fundamental para que se possa afirmar se há ou não uma frase, bem como se as proposições são legítimas ou não e, ainda, se os atos de linguagem foram diretamente realizados. Assim,

Mais que um elemento entre outros, mais que um recorte demarcável em um certo nível de análise, trata-se, antes, de uma função que se exerce verticalmente em relação às diversas unidades, e que permite dizer, a propósito de uma série de signos, se elas estão aí presentes ou não. O enunciado não é, pois, uma estrutura [...]; é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou intuição, se eles “fazem sentido” ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita). Não há razão para espanto por não se ter podido encontrar para o enunciado critérios estruturais de unidade; é que ele não é em si mesmo uma unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço (Foucault, 2012, p. 105, grifo do autor).

Como nos diz o filósofo, os enunciados em oposição aos atos de fala, proposições ou frases não são prontamente visíveis, nem mesmo são definitivamente ocultos. Com isso, é importante “um esforço de interrogar a linguagem” (Fischer, 2012, p. 80), de mapear o material em análise, de ficar no nível daquilo que foi dito, sem a busca de uma interpretação e de intenções de se procurar uma verdade. Sendo assim, as lições que apreendemos nesse *esforço de interrogar a linguagem* não denotam uma busca de significados que seriam preexistentes às coisas, às palavras, às enunciações, ao mundo e à natureza, pois os significados só existem no momento em que foram enunciados (Deleuze, 2005). O autor ressalta, ainda, que os discursos não seriam acordos entre as palavras e as coisas, entendendo estas como um espelho, um reflexo de um certo mundo natural, um mundo dado. Desse modo, o frio não se apresenta nas canções analisadas como um ato de fala, uma proposição, nem mesmo como uma mera verbalização solta em nosso material, mas amostras de um saber que vem sendo dito, (re)dito, transmitido e aceito como um artifício que constitui a paisagem natural sulina e um certo sujeito dos pampas. Portanto, o que nos propomos fazer é evidenciar as condições de existência do enunciado em questão. Abaixo, apresentamos parte do material colocado em análise:

O canto claro de um galo fez fiador pra madrugada / Que retoçou campo afora no lombo duro de geada / Plantou nuvens de fumaças vendas da cavallhada. Rancho rude do campeiro pra escorar lichiguanas no inverno mais grongueiro¹⁰. Quem nasceu nesta querência não afrouxa nem um tento / Embuçala o seu destino / Sabe trançar sentimentos / Pois tem a alma pilchada de sanga, fogão e vento / Por isso trago a constância de cantar o chão nativo (Deus & Marengo 1997, grifos nossos).

Pingou ferrugem do "Maidana" velho no empear garoas, chamando a invernia e a picaça embalando um tranco / Destapou lonjuras nesta tarde fria. Molhou bombacha como um pala curto, encharcando coplas de assobiar sereno; / O sol se esconde, por estar de luto, renunciando a arte de um quadro campeiro. A resteva farta desta palha seca mudou a estampa de um aguaceiro frio, / Porque se a várzea se entonar, de fato, aguenta a chuva sem perder o brio. O sorriso brota pela grama verde que a chuva trouxe, mesmo sem saber; Todo o pago sente um relincho largo que a potrada solta no entardecer. O trotar aumenta no avistar porteira que o instinto atica no assobiar do vento; / Desatar esporas e um matear tranquilo pra fazer querência como um tempo bueno (Machado; Bacchieri, 1999, grifos nossos).

Botei um vistaço na tropa em reponte / Bombee o horizonte de um verso campeiro / O gado tranqueando o Rio Grande, no passo, no casco o compasso do gateado oveiro. A manga de chuva ponteu na divisa / Silhueta de um poncho se abriu sobre a anca / E lá como eu, uma garça solita figura no céu, uma cruz de asas brancas. Eu trago uma pátria no par das esporas templada de estrelas, colhidas no sul (...) Por léguas de estrada, no aboio do gado / O tempo bem sabe que eu tenho fronteira / E os ventos guapeiam no meu campomar / Galpão que é meu poncho, sem cor de bandeira / Até a estampa, encardida da tarde ganhou olhos de maio e cismou a empear / Pois se agranda a vontade de pasto pra tropa (Teixeira; Marengo, 1995, grifos nossos).

Meu poncho emponcha lonjuras batendo água / E as águas que eu trago nele eram pra mim. Asas de noite em meus ombros, sobrando casa...Longe "das casa" ombreada a barro e capim. Faz tempo que eu não emalo meu poncho inteiro / Nem abro as asas de noite pra um sol de abril... Faz muitos dias que eu venho bancando o tino / Das quatro patas do zaino, pechando o frio! Troca um compasso de orelha a cada pisada / No mesmo tranco da várzea que se encharcou... Topa nas abas sombreras que em outros ventos "Guentaram" as chuvas de agosto que Deus mandou (...). (Teixeira; Marengo, 1997, grifos nossos).

As enunciações acima evidenciadas expressam um *quadro campeiro*, composto de “diferentes” e recorrentes enunciações que vão constituindo uma imagem peculiar da natureza sulina, na qual os subsídios que dão tom ao inverno estão presentes como condições inerentes para a própria composição dessa paisagem: geada; vento; minuano; poncho; encharcado; inverno; maio; julho; agosto; ventos que guampeiam o campomar; galpão; madrugada, sanga; fogão. O mate quente sempre presente no abrigo do galpão para os peões aguentarem as chuvas, as tardes frias no aconchego do poncho.

¹⁰Palavra de origem africana, usada em rituais de umbanda. Na fala regional gaúcha, tem uso corrente com sentido próprio. Surge com frequência em letras de música. Bebida, brincalhão, atrevido, impostor.

O texto das quatro canções colocadas sob análise nos dá subsídios para apreendermos o frio, a invernia como um modo particular de olhar, de pensar, de se relacionar e, dessa forma, fabricar a natureza e a relação do gaúcho com a paisagem natural sulina. Além da recorrência de enunciações que enaltecem os elementos naturais e culturais para se referir ao inverno, o sujeito gaúcho estabelece uma relação peculiar com o frio. Nas letras das canções evidenciadas, é possível apreender a forma como o frio apresenta-se na relação cultura e natureza. Em alguns momentos, está relacionado à própria paisagem como um elemento constituinte e constituidor de uma imagem que fabrica um cenário entendido como “natural” – ou seja: o verde, a chuva, o vento, a planura, o pampa. Também, em outras ocasiões, a relação se dá com questões atreladas a uma concepção mais cultural, como o mate, o galpão, o poncho, a pátria, a querência do gaúcho. Há aí um entrosamento entre os elementos naturais e a cultura pampeana, imiscuindo-se uma à outra e compondo relações entre esse par, que, historicamente, na modernidade, foi apartado.

Importantíssimo ressaltar a relação do frio com o próprio sujeito gaúcho. Nesse sentido, a relação que se expõe é de enfrentamento. Ele é o sujeito que enfrenta essa natureza. O frio! Quando fazemos alusão à palavra “enfrentamento”, não estamos nos referindo ao enfrentamento de uma natureza selvagem, até porque não é essa natureza que as letras das canções pampeanas evidenciam. Trata-se de um deslocamento do pensar a relação homem, cultura e natureza, não o colocando como um “dominador” ante o mundo natural numa tentativa de exploração desse espaço, mas sim como sendo esses embates e “enfrentamentos” uma das condições de possibilidades potentes para a sua própria constituição. Um gaúcho que *emponcha* seu poncho, que pecha o vento e, *na troca de um compasso de orelha a cada pisada* de seu cavalo, *guenta* as chuvas que Deus mandou. Avistando o horizonte campeiro tal qual uma *garça solita* no céu pampeano, o gaúcho carrega dentro de si *uma pátria no par de esporas* encharcadas de *estrelas colhidas no sul*, *pois quem nasceu nesta querência não afrouxa nem um tento*¹¹. Tais enunciações nos expõem um gaúcho que é forte, que quebra a geada, que corta o vento e vai, pouco a pouco, constituindo-se nessa relação junto à natureza.

Compreendemos que a relação entre as letras das canções analisadas, bem como uma música mais intimista estão associadas à ideia proferida por Vitor Ramil a uma imagem fria e invernal, da qual o autor nos fala em seu ensaio *A Estética do Frio* (Ramil, 2004). Ainda, vimos defendendo neste estudo o quanto as letras dessas canções vêm fabricando esse modo de compor uma paisagem fria e invernal que nos constitui.

¹¹As frases em destaque são enunciações recorrentes em nosso material de análise.

Então, diante dessas considerações, parece-nos importante ressaltar a forma como o frio constitui as letras das músicas acima evidenciadas. Há uma recorrência de enunciações em que o frio aparece como componente que atravessa fortemente essas canções. Isto é, ao desenhar essa paisagem invernal sulina, o frio emerge em um emaranhado de elementos que não são apenas de uma ordem natural. Ou melhor, podemos dizer que questões culturais se enredam como condição importante na própria composição dessa paisagem. No entanto, vale ressaltar que não estamos entendendo a cultura como central, única, tampouco como superior às questões que se referem aos elementos tidos como naturais. Aqui, a cultura é apreendida como uma instância que perpassa todos esses acontecimentos, à medida que ela atravessa as diferentes instâncias sociais, políticas e geográficas, constituindo e (re)significando as relações que estabelecemos nas diferentes esferas da vida social. Em consonância com Veiga-Neto, essas “(...) atribuições de significados são, sempre e ao mesmo tempo, (...) uma questão de poder” (Veiga-Neto, 2003, p. 11). Quer dizer, nos embates de força, ressaltamos a forma como a cultura nessa relação com o frio aciona um modo de ser gaúcho – como nos tornamos o que somos enquanto sujeitos de um determinado tempo e espaço. Os materiais sob análise nos dão a ver a relação intrínseca entre o frio e o gaúcho, compondo uma espécie de pertencimento entre um e outro, tramando aí os processos culturais tão característicos do sul do Brasil.

Ora, diante dessas considerações, entendemos a importância de estarmos atentos à relevância da cultura nos modos de fabricação dessa relação cultura e natureza, além da potência das letras e canções pampeanas numa perspectiva capaz de inventar outros modos de vida – demais modos de viver e ser a/na contemporaneidade. Entendemos que essas canções, através de suas letras, educam-nos e ensinam-nos a nos relacionarmos com a natureza de outra maneira. Ou seja, sendo capaz de rachar uma visão dualista que apreende o humano como um sujeito que não pertence ao mundo natural. Em consonância com Jorge Larrosa, essas canções – que por vezes se anunciam mais intimistas e, em outros momentos, mais melancólicas e nostálgicas – em tempos hipermodernos, talvez sejam capazes de nos provocar o desejo de “parar”, um “(...) parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar (...), parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade [...], cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos (...)” (Larrosa, 2002, p. 24), fazer com que algo nos aconteça, algo nos toque, algo nos passe.

Fazemos, aqui, uma provocação ao conceito de experiência, pensado por Larrosa. A experiência como sendo aquilo que nos passa, aquilo que nos toca, que nos acontece e, dessa forma, produz coisas. Produz afeto, marcas – produz efeitos – e, nessas produções, talvez sejamos capazes de reinventar outras formas de ser e viver enquanto sujeitos sociais e ambientais preocupados com as relações e vínculos com a natureza e com o mundo que

habitamos. Dando continuidade às análises do material selecionado para a pesquisa, colocamos em evidência mais um bloco de letras de canções que apresentam a recorrência de enunciações que trazem o frio como um elemento significativo na produção do cenário natural e cultural do Rio Grande do Sul.

A geada é o preço que jamais desconta / Nem mesmo um real no gauderiar que entangue / Branqueia tauras enregela o sangue / Mas se derrete quando o sol desponta. Se faz espelho no lagoão da sanga / Adoça as frutas e madura o trigo / Cinza do tempo que nos encaranga. Paguei o preço de brincar contigo / Vai-se um ano, mais outro, não me iludo / Foram tantas lichiguanas pelegueadas. *Eu sinto frio, mas apesar de tudo o meu destino é andar quebrando geada* / Iguais às que quebrei na juventude / Pisando vidros nas manhãs de gelo / *As mesmas geadas da gamela do açude. Trago comigo esfarinhadas no cabelo / Manta gelada que não tem fragrância e se faz água pra morrer neblina / As geadas pretas que esmaguei na infância / Viraram cinzas pra branquear minha crina* (Braun; Gomez; Rozado, 1994, grifos nossos).

Manhazita de maio e notícias do céu desabam 'nas casa' / Um angico nas brasas consome, sem pressa, seu cerno de lei. O meu cusco ovelheiro fareja o suor da xerga estendida / Que descansa da lida e do lombo do baio – meu trono de rei. Outro ronco de mate quebrava o murmúrio das chuvas nas telhas. E o baeta vermelha, aberto em suas asas, pingava no chão... Imitando um sol posto, largava de pouco luz a da janela / E empurrando a cancela um ventito minuano assobiava no oitão. Pelo olhar da janela a vista perdia-se pelo campo vasto / Verdejando o pasto, coxilha e canhada até a beira do rio (...) (Teixeira; Teixeira; Marengo, 2000).

O chuveiro da tarde se foi virando aguaceiro / Entrou a noite encardida nas nuvens de pêlo osco; Galopeadita garoa encharca o poncho campeiro / Pingam águas de sombreiro nestes mangãos de agosto. A escuridão toma conta e aperta a chuva guasqueada / Para alumbrar madrugadas nenhuma nesga de lua. Não se vê uma estrela nua vir se enfeitar nas aguadas / Meu pingo fareja estrada, joga o freio e as cordas cruas. E, então, tu surge solita como a flor do pajonal (Pereira; Marengo, 1991).

A lenta imagem da tropa Serpenteia estrada afora... Sucessão de hora após hora / Fundindo terra e peçunha – Rigores de mesma alcunha / Pro tropeiro, linda estampa! Conduzindo couro e guampas / Numa procissão terrunha. Trago, embebidos na imagem / Os verões e as soalheiras / Mastigando a polvadeira / Da gadaria assolhada...Trago no couro, estampada / A marca das inverniais. Poncho molhado faz dias... Até a alma gelada (...) (Collares; Benitez, 1997).

A ponta do pala na anca do mouro protege das garras da geada traiçoeira...Meu "anjo da guarda" pras aspas de um touro / Meu rancho e abrigo no frio da fronteira! Na ponta do pala encurto as distâncias / Sorvendo o perfume que a prenda deixou / Suspiros da noite, paixões e lembranças / Histórias bonitas do tempo do avô... Na ponta do pala – a paz que renasce / Secando a face do filho que chora... Unhadas do vento, buracos de bala. Na ponta do pala minh'alma se escora! A ponta do pala, por vezes, se enreda e tudo tropeça no vão da porteira / Por outras, se embala nas asas do vento / Campeando futuro, qual fosse bandeira (Moraes; Gomes; Oliveira, 2012).

A poesia encharca as canções acima! No conjunto de enunciações analisadas, mais uma vez, é possível evidenciar o quanto o frio apresenta-se enredado a outros elementos

naturais e culturais, remetendo-nos àquilo que chamamos de inverno. O frio, os ventos, as chuvas de agosto, a geada, os dias cinzentos, as madrugadas de julho (sem ao menos uma nesga de nuvem e nem estrelas enfeitando as aguadas) vão constituindo essa imagem peculiar que nos remete ao sul do Brasil e ao sujeito gaúcho. A forma como o frio compõe as letras dessas canções pampeanas apresenta-se de modo particular nessa relação cultura e natureza. Ele emerge carregado de lirismo. Por ora, apresenta-se, também, de forma nostálgica. É poética a forma como discursivamente o frio vai se constituindo nas letras das canções pampeanas.

O frio entangue, enregela o sangue, até mesmo a alma do gaúcho, é a cinza do tempo que os encaranga. O gaúcho sente frio, mas seu destino é andar quebrando geada! Vale ressaltar, nessas outras enunciações, o quanto é evidente e potente a relação desses elementos naturais, mais uma vez embarçados com as questões culturais. É ronco do mate quebrando o murmúrio das chuvas, é a ponta do pala que protege a anca do mouro de uma geada traiçoeira. É galpão, é o rancho o abrigo do frio na fronteira! É imagem, é tropeiro, é companheiro, é ovelheiro, é linda a estampa que se forma nas léguas pampeanas. São as asas do vento campeando o futuro! É a face do gaúcho carregada de lembranças, de histórias – faces unhas do vento – são também buracos de bala. É poncho molhado, é a alma gelada – são as marcas da invernia.

Nessas enunciações em destaque, vamos evidenciando o quanto o gaúcho dá rosto a esse frio numa relação intrínseca entre cultura e natureza, visto que o frio se encontra indubitavelmente encarnado numa relação com a cultura. Esse frio sulino na música pampena não é apenas natural. Todavia, é evidente uma materialidade no que se refere a esse elemento natural. Como evidenciado logo acima, o gaúcho sente frio. Porém, esse sentir frio que se materializa no sujeito demonstra uma relação de pertencimento a essa paisagem natural, a natureza como um todo, na medida em que ele “enfrenta” essa natureza, esse frio, essa geada *esmagada desde a infância* e que virou *cinzas no branquear de sua crina*, pois o sujeito se sente um elemento que também compõe essa paisagem.

É na cultura que vão se constituindo os significados que damos às coisas e ao mundo, e esses significados vão se travando a partir de relações de força, desnaturalizando conceitos, valores, sentidos e verdades, entendidos como dados na história, como soltos no tempo e no espaço, à espera de serem descobertos. É na cultura que se dão os processos de significação constantemente embaralhados a relações de poder. Ou seja, “Cultura como qualquer manifestação humana que se dê no âmbito dos costumes, dos valores, das crenças, do simbólico, da fabricação de coisas, das práticas sociais, da estética, das formas de expressão etc.” (Veiga-Neto, 2004, p. 167a). Uma cultura pampeana que se imiscui e se fabrica na relação do gaúcho com o frio.

Despacito vai a tropa / Rumbeando pelo rincão¹²... A lo largo uma canção. Do vento, nas timbaúvas, na fria noite de chuva / Deste julho que se alonga / Qual o solo de milonga / De uma guitarra charrua¹³... De repente um raio xucro "Senta as pata" e vem à tona! Que nem potra redomona¹⁴ / Num rompante de loucura... E clareia a noite escura pra morrer nos aramados / Ou n'algum mato fechado que se estende nas lonjuras. Coisa feia é cruzar tropa / Na torrente de um caudal / Onde o homem e o animal jogam a vida no entreveiro... Só quem lida de tropeiro sabe que o tirão é brabo / À bola-pé, cruzar o gado / Hay que ter muita destreza! Frio e chuva se acolheram num tranquilo haragano... E no rastro do minuano / O pago vira aguaceiro! Pobre do peão campeiro durante a ronda da tropa: O corpo entangue, o poncho ensopa / Tombeia "as aba" o "sombreiro" / Bem assim se vão os julhos / Do crioulo campechano¹⁵ / Que enfrenta ano-a-ano a dureza destes dias... Cerne bom de corunilha que resiste pela pampa / Levando garbo na estampa de centauro farroupilha! (Garcia; Garcia; Benitez, 2007).

Visto este poncho que, por algo, é Poncho Pátria – Antiga peça formadora de querência! Galpão de estância que saiu pras invernadas¹⁶ / Casa quinchada¹⁷ de sombreiro e resistência. Fogo que anda em baetas de curunilha / Pinta a coxilha em negrumes de picumã / E guarda o cheiro do gado pela manhã / Se levantando entre "romero y manzanilla". E fomos "troncos" tapados pela geada / Entre aroeira, pitangueira e ariticum... Que um fim de maio nos branqueou, de madrugada / Rondando a tropa nas costas do Inhatinhum. Da lã mais nobre de um "amarrado" oriental – Velo tingido por tintura de raiz / Meu poncho é o traço do mapa meridional / Redesenhando a figura do meu país. Eu desconheço traste que seja mais pampa / Que um Poncho Pátria pelos ombros de um paysano... Um toldo aberto pela crina e pela anca / Moldando "el gaucho" pelo solo americano. Meu Poncho Pátria foi farda de regimento / Foi armamento em pátio de pulperia / E amansou a força bruta em cada vento / Para embalar o mundo "gaúcho" que nascia! (Pereira; Terres; Marengo, 2012).

Que geada velha lobuna / É de renguear a cuscada / De rachar teto de vaca / E amontoar a porcada. Criar natas de gelo no espelho das aguadas. Encorujar pinto guaxo numa lampana de frio / Fazer o vento sumir / Sem deixar um assobio. Levantar a bruma branca pelos caminhos do rio. O mato dormir chorando / Alumando o folharedo / Pelego branco estendido na extensão do varzedo / E o piazito campeiro não sente a ponta dos dedos. Cobrir os pêlos da quinchinha / E os flecos de picumã / Manojos de pasto seco na sombra dos tarumãs / Emenda a geada de hoje / Noutra que vem amanhã. São madrugadas de agosto / Neste pago

¹² Segundo dicionário online, rincão significa recanto; lugar afastado. No Rio Grande do Sul, a palavra refere-se a um trecho de campanha onde há arroios e capões ou manchas de mato.

¹³ Indígena da tribo dos charruas, habitante do Rio Grande do Sul.

¹⁴ Cavalo novo nos primeiros galopes.

¹⁵ Franco; disposto.

¹⁶ Invernada para o gaúcho é onde se confina o gado para que engorde.

¹⁷ Quinchar é um termo popular usado no Rio Grande do Sul, que significa: cobrir com quinchinha, ou seja, cobrir com palha, tanto casas quanto carretas e outros carros de uso rural.

estremecido / A fome rondando tropas no pastizal ressequido. Saudades de primaveras / De sol e campo florido (Moreira; Rodriguez, 1999).

[...] Meu poncho sente o minuano/ Que alvoroçou as carquejas / E minha alma, sempre aneja / Relembra o calor de um mate. Me imagino no arremate/ Desta jornada teatina / Entre os braços da minha china / Sobre os pelegos de um catre. São léguas sobre os arreios / Cortando o clarão da lua / E molhando as cordas cruas / Rédea na ponta dos dedos / Numa ânsia costumeira / De cruzar pela porteira / Do rancho dos meus segredos (...) No orvalho da madrugada (Sodré; Camargo, 2002).

Oveiro negro picaço / Cabresto firme na cincha / Igual ao vento relincha / Luzindo as bragas do pelo / Há muito sonhava tê-lo / Junto aos preparos de prata / Pra luzir nas serenatas / De algum motivo sinuelo / Império "gaúcho" que leva / A liberdade andarilha / Clarim do tempo em vigília / Que se amansou pela crença / Do índio que em renascença / Voltou ao campo em teu nome / Porque morrer não consome / Quem fez do campo, querência / Sereno nas serenatas / Será meu picaço oveiro / Igual ao vento Pampeiro / Nas precisões de anejar / E se careça rondar / Os meus silêncios tropeiros / Saberá meu pinga oveiro / O que diz o meu cantar / "Aprendi o sabor da vida / No gosto antigo das sangas / Do boi ostentando a canga / Ao braço firme do pealo / Com a geada ao canto do galo / Na hora em que a alma entange / Que percebi que meu sangue / É o mesmo do meu cavalo / Quando provei dos caminhos / Em redomões e bolichos / Que descobri que meus vícios / Eram antigas passagens / Carreiras, truco, linguagens / Por fronteiro e domero / Achei um picaço oveiro / Igual a mim na paisagem (...) (Amaral, 2005, grifos nossos).

Nesse conjunto de enunciações, os versos colocam em evidência como se constitui a vida do peão de estância, do gaúcho, da lida campeira num cenário invernal. Eles cantam o quanto difícil é conduzir, fazer a ronda, bem como cruzar uma tropa de gado na corrente de um caudal. Para aguentarem esses afazeres do campo nos dias frios, nas tempestades, nas madrugadas geladas – *Hay que ter muita destreza, pois só quem lida de tropeiro sabe que o tirão é brabo!* No entoar esse mapa pampeano, a música vai fabricando um cenário cultural do pampa sulino, no qual os elementos da natureza são recorrentemente enaltecidos. As relações que vão se travando nos mostram o quanto a natureza é um elemento importante na fabricação de uma paisagem sul-rio-grandense, onde o gaúcho aparece como um sujeito inerente à aquarela viva pampeana. Assim, mais uma vez, evidenciamos o quanto as relações que se travam entre esse sujeito e a paisagem natural nos permitem dizer que o gaúcho se reconhece nessa paisagem como mais um elemento que compõe esse quadro campeiro, tal qual seu oveiro picaço.

Importante destacar que parece haver um deslocamento de uma posição central e privilegiada do gaúcho em relação às espécies animais ou ainda em relação aos elementos naturais, como o cavalo. Parece haver uma articulação, uma relação de codependência entre o gaúcho e seu companheiro animal. Tal deslocamento rompe com uma visão antropocêntrica, característica de nosso tempo e tão problematizada no campo da Educação Ambiental; as letras das canções nos anunciam a relação de cumplicidade entre humano e animal. Na dureza dos dias gelados do pampeiro, nesses invernos que se alongam – *na hora*

em que alma entangue, que percebi que meu sangue é o mesmo do meu cavalo! É vento, mato fechado, aguaceiro, grilos, cavalos, gado, pitangueira, gaúcho, folharedo, varzedo, curunilha, romero y manzanilha, peão de estância – esses são os elementos que constituem a natureza pampeana. O gaúcho, nessas músicas, coloca-se nessa paisagem, nesse pampa que é seu império, como um sujeito que faz do campo sua querência, tal qual o seu cavalo. Não é fácil a vida do gaúcho no inverno sulino. A geada velha lobuna é de renguear cusco, de amontoar a porcada, de rachar teto de vaca, onde o piaquito campeiro não sente a ponta dos dedos! É um pago estremecido, onde a fome ronda as tropas diante do pasto ressequido pela geada. É assim: geada que emenda hoje, noutra que vem amanhã. Sente-se saudade da primavera, de sol e campo florido, mas, neste amor genuíno pela terra, o gaúcho vai conduzindo sua tropa rumo ao rincão, acompanhado de seu cavalo, de uma milonga, de uma guitarra charrua. É o vento nas timbaúvas, nas frias noites de chuva. Para aguentar essa lida campeira, o gaúcho tem seu mate, seu galpão, seu pelego, seu poncho – que, aliás, é poncho pátria. O gaúcho vai se configurando como um sujeito resistente, que enfrenta ano a ano as durezas destes dias, tal qual um fogo feito de corunilha.

No quadro de letras apresentadas acima, elegemos a milonga Picaço Oveiro (2005) para discorrermos, mais detalhadamente, sobre os elementos musicais na sua relação com a poesia, para a constituição do cenário frio e invernal. Como já mencionado acima, trata-se de uma milonga. A peça começa com um recitativo instrumental, realizado pelo violão. A base harmônica é simples, em acompanhamento arpejado. O andamento inicial é lento e as células rítmicas não são muito claras. Ou seja, uma métrica não definida pelo aspecto recitativo que se expõe. Como já salientado, essa milonga não nos convida à dança; pelo contrário, a chamada musical apresenta-se como uma “convocação” a “parar”. Parar para pensar, para sentir, para ouvir. Assim, aspectos como esses vão sustentando a ideia que vimos evidenciando neste artigo – um repertório mais intimista. Após o recitativo, há a entrada da voz masculina, num canto tranquilo, o que apresenta uma suavidade na peça como um todo. Melismas¹⁸, principalmente nos finais de frase, vão destacando palavras que evidenciam a relação do gaúcho com o seu cavalo e, em alguns momentos, a relação do gaúcho com o pampa. Vejamos: no início da primeira frase, em que o eu lírico fala de seu cavalo “oveiro negro picaço”, ele nos chama a atenção para o seu picaço. Podemos dizer que esses destaques são recorrentes na peça como um todo. Além do recitativo instrumental apresentado na introdução, a peça nos oferece um outro recitativo. Neste, o eu lírico ressalta:

¹⁸ Melisma no canto significa uma variação de notas na mesma sílaba.

Aprendi o sabor da vida no gosto antigo das sangas / Do boi ostentando a canga / Ao braço firme do pealo / Com a geadá ao canto do galo / Na hora em que a alma entangue / Que percebi que meu sangue / É o mesmo do meu cavalo. Quando provei dos caminhos / Em redomões e bolichos / Que descobri que meus vícios / Eram antigas passagens. Carreiras, truco, linguagens / Por fronteiro e domero / Achei um picaço oveiro / Igual a mim na paisagem / Quando apertei o pelego / E arrochei o bocal / Oveiro negro bagual / Pras correrias de guerra / Olhar imenso que encerra / Pequenas gotas de sanga / Que roubaram das pitangas / Genuíno amor pela terra (Amaral, 2005).

Esse momento configura-se como uma das partes mais expressiva da peça. A base harmônica é simples e cíclica, girando em torno de quatro acordes e de uma melodia realizada pelo violão que se repete em quase todo o recitativo. O destaque fica a cargo da poesia, que é ainda mais realçada pelo acompanhamento. Um momento belo e poético! Há um chamamento musical que nos provoca e nos convoca a pensar nessa relação de pertencimento e de relação do gaúcho com seu cavalo. No final do recitativo, um destaque para a frase “que roubaram das pitangas genuíno amor pela terra”, num relentando que enaltece o amor pelo pampa. A música termina com a mesma ideia musical do recitativo, apresentada na introdução. Em um ralentando, o eu lírico ressalta: “Eu percebi que meu sangue é o mesmo do meu cavalo”!

As letras das canções analisadas demonstram a potência de tal prática cultural na produção de significados; avigora a construção de uma paisagem fria e intimista no pampa sulino, que, de alguma maneira, constitui-nos enquanto sujeitos de um tempo, de um lugar, atravessados constantemente pelos aspectos culturais e pelos elementos naturais. No que se refere a estes, podemos dizer que a relação que o gaúcho institui com a natureza pampeana nos faz apreender o quanto esses elementos naturais emergem como uma das condições de possibilidade para a sua própria constituição, tramado pelas forças culturais que dão rosto a esse gaúcho. O frio está “encarnado no gaúcho”. É diante da recorrência dessas enunciações que o tomamos como um elemento que se expõe numa relação inextricável com a cultura; melhor dizendo, não apenas natural, mas também cultural.

As canções pampeanas nos apresentam uma natureza marcada por um ideal de beleza e romantismo, constituindo, assim, um tipo particular de naturalismo. A fabricação discursiva de um *Naturalismo poético-pampeano* emerge à medida que as letras sob análise acionam os elementos naturais de uma natureza romantizada para discorrerem sobre a paisagem do pampa sulino. Porém, não se trata da tão consagrada e conhecida corrente da Educação Ambiental que distancia a humanidade da natureza. Esse Naturalismo parece ser particular pela sua articulação e pertencimento do gaúcho com essa paisagem. Essas mesmas músicas são encharcadas de lirismo e anunciam uma natureza que toma sentido na e pela cultura. Ensina-nos um modo de ser gaúcho tramado pelas relações com a natureza através da geadá, do vento, do frio, em cumplicidade com o animal etc. Uma Educação Ambiental que

pode contribuir com outros modos de vida, outras estéticas de existência, educando-nos para uma relação mais intimista entre *nós* e *ela*, colocando-nos a suspeitar do apartamento produzido na e pela modernidade.

Assim, a fabricação discursiva desse *Naturalismo poético-pampeano* e os elementos naturais e culturais se imiscuem na produção de uma natureza e de um tipo de sujeito que vem sendo inventado na e pela cultura. A música compõe uma paisagem fria, invernal e a forma como se dá a relação do gaúcho do campo com os invernos sulinos. A poesia está encarnada nesse modo de fabricar uma natureza, na qual o humano e o frio sulino encontram-se seguramente entrelaçados numa mesma paisagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do material em análise, compreendemos que as canções pampeanas em evidência talvez possam ser uma possibilidade de respiro frente a esse dualismo instituído na e pela modernidade. Tal prática cultural talvez possa ser capaz de provocar nosso pensamento frente a um tempo veloz, frenético, perigoso e indeterminado. Um tempo em que cada vez mais se comprime o espaço para “parar”, pensar, sentir e se afetar. Entendemos que as articulações propostas neste estudo talvez possibilitem rachaduras nos modos de pensar nossas relações com a natureza, com os espaços que ocupamos, e que a articulação entre música, através de suas letras, e Educação Ambiental possa se constituir como prática potente de um exercício de vida, mas a “(...) vida de um tipo absolutamente diverso da vida de todos os dias” (Foucault 2011b, p. 2007).

Nossa perspectiva com este estudo foi suscitar o pensamento por meio da música, provocando outras discussões acerca de questões pouco problematizadas por nós no cenário das relações humano-natureza e da Educação Ambiental. Merece levarmos em consideração as diferentes possibilidades de leituras da natureza que vêm sendo fabricadas por meio da cultura. Como salienta Guimarães, “que possamos nos instaurar nas fissuras da Educação Ambiental, pensando políticas que possam nos remeter a construção de coletivos de natureza e culturas não permeados” (2008, p. 99). Por isso, olhamos para a música como uma ferramenta potente a nos fazer pensar os modos de relação que o gaúcho institui com a paisagem natural sulina, entendendo que as discussões em torno das leituras de natureza atravessam as fronteiras de conceitos já estabelecidos.

Desse modo, o estudo contribui com o campo da Educação Ambiental, uma vez que enxergamos outras relações possíveis com a natureza, ensinando-nos múltiplos modos de conviver e sentir o espaço natural. É desse encontro com a vida, mais devagar, mais paulatino, mais intimista que talvez encontremos outros modos de fazer Educação Ambiental, potencializando em nós as relações de pertencimento que são possíveis junto à natureza. A

música, enquanto arte, tem a potência de nos tocar, de nos envolver e de fazer sentir outros modos de relação com a paisagem natural. É sentindo-nos pertencente a ela que podemos firmar outros modos de vida e outras estéticas da existência. Para tanto, aproximamo-nos do entendimento de Educação Ambiental como campo de tensões político-subjetivas, ou seja, um campo de implicações políticas, econômicas, sociais e culturais, de consequências práticas e afetivas. Nessa perspectiva, ela estabelece relações entre cultura e natureza, entendendo que ambas se integram, se produzem e se modificam na cultura. Félix Guattari (2009) nos alerta que a questão central, atualmente, é a maneira de vivermos em relação ao planeta, considerando o crescimento populacional e os rápidos avanços tecnológicos e científicos. Diante disso, torna-se importante assumirmos nossa relação intimista com o mundo, reconhecendo-nos nele. Talvez possamos, quem sabe, tomarmos atitudes que acionem em nós uma ética do cuidado planetário, entendendo-nos como expressão do próprio mundo e dando ao pensamento a dignidade de uma arte de viver que responda efetivamente aos dilemas e às contradições da experiência enriquecedora da vida em comum.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Lisandro. Picaço ovejudo. Intérprete: Lisandro Amaral: In: **16ª Vigília do Canto Gaúcho**. Cachoeira do Sul/RS, 2005.

BRAUN, Jaime Caetano; Gomez, L.; Rosado, M. Geadas. Intérprete: Luiz Marengo: In: **10º Repente da Canção Crioula**. São Lourenço do Sul/RS, 1994.

CULTURA GAÚCHA: a história e a importância dos festivais nativistas no RS. Equipe Focus. Sistema Brasileiro do Agronegócio. Cruz Alta, 2013. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=xA75p3wNE7Q>. Acesso em 4 julho de 2024.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DEUS, José Carlos de; MARENCO, Luiz. Por que canto solito. Intérprete: Luiz Marengo: In: **14ª Reculuta da Canção Crioula**. Guaíba/RS, 1997.

DOS-SANTOS, José Daniel Telles. **Lúcio Yanel e o violão pampeano**: memória (s), história (s), identidade (s) de um fazer musical no sul do Brasil. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Trabalhar com Foucault**: arqueologia de uma paixão. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 21.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade**: o governo de si e dos outros II: curso no Collège de France (1983-1984). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011a.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

GARCIA, Caiane Teixeira; GARCIA, Rodrigo Teixeira; BENITEZ, Zulmar. Tropas de Julho. Intérprete: Lisandro Amaral. In: **5º Canto Sem Fronteira**. Bagé/RS, 2007.

GUATTARI, Félix. **As Três Ecologias**. Campinas, SP: Papyrus, 2009.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. A importância da história e da cultura. **Inter-Ação**. Fac. Educ. UFG, v. 33, n. 1, p. 87-101, jan./jun. 2008.

HENNING, Paula Corrêa. Estratégias Bio/ECopolíticas na Educação Ambiental: a mídia e o aquecimento global. **Educação Unisinos** (online), v. 23, n.2, p. 367-382, 2019.

HENNING, Paula Corrêa. Resistir ao presente: tensionando heranças modernas para pensar a educação ambiental. **Ciência e Educação**, Bauru. v.25, n. 3, p. 763-781, 2019a.

LARROSA, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, 2002.

MACHADO, Cauê; BACCHIERI, Fabiano. Nestas tardes frias. Intérprete: Marcelo Oliveira. In: **1ª Pelotas da Canção Nativa**, 1999.

MOREIRA, Severino; RODRIGUEZ, João Bosco Ayala. Madrugadas de Agosto. Intérprete: Leonardo Prates. In: **7º Chamamento da Arte Nativa**. Santana da Boa Vista/RS, 1999.

PEREIRA, Sergio Carvalho; TERRES, Jari. Poncho Pátria. Intérprete: Jari Terres; Gustavo Teixeira. In: **12º Um Canto Para Martín Fierro**. Santana do Livramento/RS, 2012.

RAMIL, Vitor. **A estética do frio**. Pelotas: Satolep Livros, 2004.

SAUVÉ, Lucie. Uma cartografia das correntes de Educação Ambiental. In: SATO, Michèle; Carvalho, Isabel Cristina Moura (org.). **Educação ambiental**: pesquisa e desafios. Porto Alegre: Artmed. p.11-44, 2005.

SODRÉ, Sergio; CAMARGO, Cristian. Ao tranco de uma noite de volta. Intérprete: Lisandro Amaral. In: **16ª Comparsa da Canção Gaúcha**. Pinheiro Machado/RS, 2002.

TEIXEIRA, Gujo; MARENCO, Luiz. Um vistaço na tropa. Intérprete: Luiz Marengo. In: **12ª Recruta da Canção Crioula**. Guaíba/RS, 1995.

TEIXEIRA, Gujo; MARENCO, Luiz. Batendo água. Intérprete: Luiz Marengo; Jari Terres. In: **17ª Coxilha Nativista**. Cruz Alta/RS, 1997.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e os estudos culturais. In: Costa, Marisa Vorraber. (org.). **Estudos culturais em educação**: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000.

VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura, culturas e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 5-15, 2003.

VEIGA-NETO, Alfredo. Currículo, cultura e sociedade. **Educação Unisinos**. v. 5, n. 9, p. 157-171, 2004.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a Educação**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

Revisão gramatical realizada por: Júlio Mário da Silveira Marchand.

E-mail: juliomarchand@yahoo.com.br